

**CINEMA DOCUMENTÁRIO, NOVOS MEIOS
E FORMAS: SOBRE OS DESLOCAMENTOS
PROVOCADOS PELO WEBDOCUMENTÁRIO**
OUT MY WINDOW

Luiz Philipe Fassarella Pereira; Isabela Cristina Ramos Moraes*

Out my window (2010, 95')

Direção: Katerina Cizek

Direção de produção: Gerry Flahive

Pós-produção e direção técnica: Branden Bratuhin

Diretor técnico e arquitetural Bobby Richter

Direção de arte: Alex Wittholz, Marc Pannozzo

Edição e Animação: Alex Wittholz, Marc Pannozzo, Joanna Durkalec,
Stephanie Parrott, Matt Bruschet

Produção: Mike Robbins

Uma introdução aos webdocumentários

Inseridos num contexto de convergência midiática que está revolucionando as maneiras de produção, transmissão e recepção de

* Luiz Philipe Fassarella Pereira: Mestre em Comunicação e Cultura Contemporâneas. Faculdade Pitágoras de Guarapari, Departamento de Comunicação Social, Centro de Educação a Distância (CEAD), no Instituto Federal do Espírito Santo (IFES), 29.214-005 – Lagoa Funda, Brasil. E-mail: philipefassarella@gmail.com

Isabela Cristina Ramos Moraes: Graduada em Licenciatura Plena em Letras Vernáculas. Universidade Federal de Sergipe, Departamento de Letras Vernáculas, Licenciatura Plena em Letras Vernáculas, 1.000 – Lagoa Funda, Brasil. E-mail: isabela.moraes@outlook.com

conteúdos, os webdocumentários demonstram especificidades que os identificam e os distinguem, por exemplo, das webreportagens, ou dos portais multimídias. Não obstante, por serem recentes há ainda carência de definições teóricas, assim como são escassas as bibliografias que possam orientar profundas pesquisas a respeito.

O webdocumentário se aproveita da linguagem documental criada para o cinema e para a televisão e a adapta para a web. Acrescenta a capacidade de interação e participação típicas da web e rompe com a linearidade da narrativa, já que o internauta pode escolher o que ver e em que ordem ver.¹

Os webdocs são uma nova forma de se desenvolver narrativas no ciberespaço, que mistura diferentes formatos – tais como textos, vídeos, áudios, fotos, animações e ilustrações –, permitindo ao espectador o controle da navegação e uma profunda interação com a obra; são produtos midiáticos específicos da contemporaneidade, multimidiáticos por excelência, oriundos da tradição cinematográfica do gênero documentário, cuja premissa fundamental, que orienta os campos técnicos e teóricos, é o compromisso da obra com a veracidade, com o tratamento, ainda que criativo, da realidade.

Os documentários, que ao longo de mais de um século de tradição passaram, e ainda são atravessados, por importantes transformações estilísticas, conceituais e teóricas, são destinados não apenas ao entretenimento, mas também, e principalmente, a propagação do conhecimento e ao registro audiovisual de fatos, personagens, memórias e histórias do mundo real. Os documentários, segundo Fernão Pessoa

1) De acordo com o site [webdocumentario.com.br](http://www.webdocumentario.com.br). Disponível em: <http://www.webdocumentario.com.br/webdocumentario/index.php/sobre-este-site>. Consultado em 15/01/2012.

Ramos (2008: 10), “não são feitos para entreter como um filme ficcional, mas para estabelecer asserções sobre o mundo que é mostrado na tela”. São essas também convenções que orientam os webdocumentários, que atualmente são frequentemente dispostos na internet, tornando-se, dia a dia, mais familiares aos usuários da rede, principalmente aos jovens habituados a navegação e aos jogos virtuais. Os webdocs são hoje o resultado do desenvolvimento do gênero cinematográfico não ficcional, e se instauram como um produto cultural que permite ao consumidor mais do que a passível condição de espectador, estimulando esse receptor a usufruir uma experiência de fruição multissensorial e participativa, pois o indivíduo é constantemente convocado a interagir com a obra², traçando os caminhos a serem percorridos, na ordem e com a demanda de tempo que desejar (não há mais uma linearidade absoluta e imprescindível, a forma e tempo de apreciação da obra é o usuário quem determina). Desta feita, se instauram não apenas como uma evolução ou adaptação de um gênero audiovisual tipicamente transmitido no cinema ou na tevê, mas como uma nova linguagem, nova maneira de se transmitir uma informação e entreter.

Out my window articula essas estratégias de interação, que somadas em uma narrativa audiovisual de cunho documental tornam-se características intrínsecas dos webdocumentários. A obra que aqui analisamos, apontando suas especificidades que dialogam com esse subgênero ou categoria que emergente na era digital, abarca as formas usuais do documentário, voltando-se para fatos do mundo histórico e performances de atores sociais; fazendo-o através de fotos estáticas para compor seu escopo. Em *Out my window* figuram também recursos de animação, sonorização e vídeos. No quesito conteúdo, dá considerável imersão e aprofundamento aos temas de que se ocupa.

2) Levamos em conta o webdocumentário *Out my window* e grande parcela dos produtos congêneres.

Assim, por exemplo, através da confluência de fotos estáticas e narração *Off*, conhecemos personagens e histórias singulares como a da atriz social Ivaneti; sua vida como coordenadora do movimento dos sem-teto da cidade de São Paulo, e o desafio de viver em um prédio outrora abandonado, em condições mínimas de conforto e segurança. Ou do músico de canções tibetanas que vive em Toronto; sua devoção pela música e o momento indelével em que tocou para um público superior a 30 000 pessoas, antes de um discurso da Sua santidade, Dalai Lama.

Vale ressaltar que embora o webdocumentário se proponha à interação entre produtor e receptor, ele nem sempre é precisamente “aberto”. Ainda que proporcione interatividade e a participação democrática, o material é pré-selecionado, e as escolhas são feitas dentro de um ambiente relativamente fechado. O espectador conduz a navegação pela história à sua escolha, sem, contudo, nada acrescentar a ela. Embora seja possível enviar conteúdo esse não se torna parte da trama principal do filme, serve apenas como material para ilustração da temática e debate proposto pela obra.

Em contrapartida, há webdocumentários que não só permitem a livre fruição da obra como convidam o espectador a fazer parte dela. Esse é o caso do projeto *Life in a day*. Realizado em parceria com o site de vídeos *Youtube*, o projeto propunha aos usuários da página que registrassem em vídeo atividades ou depoimentos em um dia específico – 24 de julho de 2010 –, para compor um longa-metragem.

Há também o *One day on earth*, que segue a mesma linha de *Life in a day*, onde a ideia norteadora é criar um registro aberto da humanidade baseando-se em vídeos realizados em dias específicos.

O webdocumentário não é um documentário feito a partir de suas características tradicionais, como a linearidade, para a divulgação na internet. Ele é, em verdade, uma produção documental cujo formato é

intencionalmente voltado para a reprodução na Web, abusando de seus recursos, como o hiperlink, por exemplo; acrescenta-se a isso um fator importante: o projeto final não existe, fica à revelia de seu produtor, nas mãos de cada espectador. A essas especificidades é que refletimos sobre o fato de que, embora oriundo de um gênero cinematográfico centenário, os webdocs são uma nova forma de desenvolver narrativas no ciberespaço. Uma inventividade contemporânea que emerge no momento em que a tecnologia da comunicação e transmissão de conteúdo permite esse tipo de realização e distribuição. Mas além dos aspectos tecnológicos vale também ressaltar o momento histórico e cultural no qual essas narrativas estão inseridas; um momento em que os indivíduos estão cada vez mais familiarizados e entusiasmados com as possibilidades de interação e controle sobre as diversas formas e meios de entretenimento.

A “nova” plataforma de transmissão, – internet – através de avançados *softwares*, permite que o realizador utilize uma série de recursos que possibilitam o estabelecimento de uma relação interativa, de coautoria entre cineasta e público. Um dos recursos técnicos que comporta esses novos fazeres é a chamada Web 2.0.³ Para Cannito o surgimento da Web 2.0 efetivou alguns dos princípios da cultura digital. Segundo o autor “entende-se que ao falar da Web 2.0 não tratamos de uma versão de Web, e sim de uma nova forma de a Web se relacionar com seus usuários e desenvolvedores (...)”. (Cannito, 2010: 157). Então compreendemos que o termo *Web 2.0* designa mais do que uma modificação tecnológica, mas também uma transformação na maneira de se produzir, transmitir e receber conteúdos midiáticos. Assim o espectador/ autor/ fruidor também tem

3) Web 2.0 é um termo criado em 2004 pela empresa americana O'Reilly Media para designar uma segunda geração de comunidades e serviços, tendo como conceito a “Web como plataforma”, envolvendo wikis, aplicativos baseados em *folksonomia*, redes sociais e Tecnologia da Informação.

nos webdocumentários a oportunidade de interagir com outros usuários. Debater e trocar ideias sobre a experiência vivenciada dentro da obra.

Os webdocs são desdobramentos relacionados à evolução do documentário como gênero, resultantes do desenvolvimento tecnológico e da possibilidade de distribuição em novas plataformas de transmissão, nesse caso a internet. Resultado também do aprimoramento das tecnologias digitais de captação e edição de imagens, recursos que tornaram esse tipo de produção cinematográfica muito popular entre realizadores não profissionais e usuários da rede de computadores.

As pesquisadoras Consuelo Lins e Cláudia Mesquita observam que no Brasil, como exemplo, a prática documental ganha mais força a partir dos anos 1990 “com o barateamento e disseminação do processo de feitura de filmes em função das câmeras digitais e, especialmente, da montagem em equipamento não-linear” (2008: 11). O excesso de produções documentais, que vêm lotando a internet nos últimos anos, tornou o gênero ainda mais popular entre os usuários da rede.

***Out My Window*: uma janela virtual para personagens e depoimentos do mundo histórico**

Um edifício. Cada ponto de vista, uma cidade diferente. Este é *Out my window* – um dos primeiros documentários interativos do mundo em 360° graus - sobre a condição da urbanização de nosso planeta contado por pessoas que olham para o mundo das janelas de seus edifícios.⁴

4) Disponível em: <http://interactive.nfb.ca/#/outmywindow/> Consultado em 20/01/2012.

“Pela primeira vez em nossa história, a maior parte da população mundial está vivendo em áreas urbanas”.⁵ Essa é a premissa com a qual o webdocumentário *Out my window*, da diretora Katerine Cizek, se ocupará. Uma forma de lançar para a o público discussões sobre o crescimento imobiliário, a sociedade contemporânea e as pessoas que vivem em seus apartamentos em centros urbanos. Histórias contadas por sujeitos comuns, que olham de suas janelas para o mundo. O webdoc é parte do projeto *HighRise*, que se propõe debater questões relacionadas aos problemas de habitação do século XXI, trazidos ao cerne do discurso fílmico através da vida dos atores sociais de diversos países, espalhados por vários continentes, que contam casos curiosos de suas vidas, descrevem suas rotinas ou simplesmente encenam alguma performance para uma câmera estática – vezes uma dança, vezes uma apresentação musical. A pretensão é que o projeto *HighRise* seja estendido por vários anos, se desdobrando por diversas plataformas – TV, internet, blogs, redes sociais etc. – pretensão reforçada com o lançamento do segundo webdoc do projeto, este considerado ainda mais interativo, desfrutando das mais novas possibilidades tecnológicas, *One million tower*, também da mesma diretora, lançado em novembro de 2011.

“As Torres no mundo, o mundo em Torres”,⁶ como é trazido no prólogo do webdoc *Out of my window*, permitem que o espectador determine os caminhos de leitura e apreciação da obra. Diante de diversas janelas e dos atores sociais por trás delas, ou, caso o internauta prefira, visualizando um mapa mundial, com vários ícones dispostos entre diversos países, o espectador poderá assistir aos depoimentos na ordem que desejar, durante o tempo que lhe apetecer, quantas vezes quiser. E

5) Disponível em: <http://webdocumentario.com.br/webdocumentario/index.php/resenhas/as-torres-do-mundo-o-mundo-nas-torres/> Consultado em 20/01/2012.

6) Disponível em: <http://interactive.nfb.ca/#/outmywindow> Consultado em 20/01/2012.

nesse percurso, poderá também ter acesso a informações adicionais sobre o filme e sobre o projeto *HighRise*, através de hipertextos que direcionarão o público para páginas com considerações dos autores da obra, ou para ouvir separadamente as músicas – cargas sonoras que trilham o webdoc –, participar do projeto enviando fotos que apresentem “o que está fora de sua janela”, ser direcionado para outros vídeos dispostos na página da NFB (National Film Board of Canada), visitar o blog da empresa ou ter acesso ao conteúdo denominado “por dentro de *Out my window*, Laboratório de Educação Global”, onde as questões sobre habitação, abordadas no webdoc, são discutidas de forma mais enfática, disponibilizando informações adicionais, através de quatro ícones hipertextuais que os conduzirão de volta às cidades de Havana, São Paulo, Phnom Penh e Toronto – essas cidades já são visitadas na trama central do webdocumentário, mas podem ser revisitadas repletas de informações complementares. E ainda, para aqueles que tiverem dificuldades no processo de interatividade, o ícone “como navegar por *Out my window*” explica detalhadamente como funciona a navegação pelo site.

A organização não linear dá considerável autonomia ao receptor, que encontrará desde fotografias *still*, textos (caracteres) e cenas, acompanhadas por locução *off*,⁷ depoimentos e até recursos de vídeo em 360° graus, pelo qual o usuário terá uma visão geral do apartamento visitado e daquilo que está fora da janela.

Os caminhos para navegação propostos na narrativa central do webdoc convidam o espectador a navegar por cidades de treze distintos países (Johanesburgo, Montreal, Havana, Praga, Taiwan, Toronto, Amsterdã, Istambul, Phnom Penh, Bangalore, São Paulo, Beirute e Chicago), numa visita aos apartamentos dos atores sociais John, Benoit,

7) Locução *off*: voz fora de campo mas que pode ser identificada, porque em determinado momento o narrador está presente no vídeo.

David, Sylva, Xuxuo, Amchok, Zanillya, Durdane, Tola, Akshadaha, Ivanete, Mazen e Donna. No total são 49 histórias, contadas através dos depoimentos dos sujeitos, proporcionando mais de 90 (noventa) minutos de material para ser explorado.

Para o teórico Fernão Pessoa Ramos (2008) os personagens no documentário, são fundamentais para que sejam estabelecidos os parâmetros de imersão do espectador na obra, na medida que tal personagem detém a capacidade de materializar/exemplificar/corporificar, como indivíduo já experimentado no determinado assunto, as questões abordadas pelo filme. Sobre a importância dos personagens na narrativa documental, Ramos irá afirmar:

(...) documentários os utilizam, de modo intenso, para encarnar as asserções sobre o mundo. (...) Podemos mesmo dizer que o documentário aparece quando descobre a potencialidade de singularizar personagens que corporificam as asserções sobre o mundo. (...) a narrativa documentária prefere trabalhar os próprios corpos que encarnam as personalidades no mundo, ou utiliza-se de pessoas que experimentaram de modo próximo o universo mostrado. (Ramos, 2008: 26).

A opção de empregar os atores sociais para colocar em fluxo as questões abordadas no filme, dando a eles fundamental importância na construção da narrativa, demonstra também a proximidade do produto com a tradição documentária que nos referimos neste trabalho como “convencional”; são marcas residuais que ajudam a recepção do produto e que apelam para familiaridade do público com a narrativa cinematográfica não ficcional.

A narrativa do webdoc segue de forma não linear, estando ao controle do espectador os caminhos a serem seguidos. Quando e onde começar, bem como quando e onde finalizar a “viagem”. Essa interação

proposta pelo webdocumentário está de acordo com uma audiência mais ativa, que busca ter o controle e participar de maneira colaborativa com o conteúdo apresentado. A experiência de interação frutiva é muito semelhante àquelas proporcionadas por jogos virtuais, como, por exemplo, os simuladores de vida virtual.

A nova audiência – aquela que parece surgir com a emergência da convergência midiática, da TV Digital e da internet – quer ter o controle da situação, já não se satisfaz ao se afundar nas poltronas das salas de cinema ou do sofá de casa, ela quer comandar o jogo, entrar em cena. Bem como explica Cannito, ao falar sobre o processo sociocultural que envolve a emergência da TV Digital, o “espectador de hoje não quer mais ficar apenas na ‘superfície’; tal como a Alice de Lewis Carroll, ele quer ‘entrar’ na imagem”. (2010: 151). Com essa perspectiva apontada pelo autor podemos compreender também o contexto sociocultural que possibilita a oferta e a recepção dos webdocumentários, que pela plataforma de exibição já se limitam a um público familiarizado com a interação e com o controle proporcionado pelo cursor do *mouse*. O consumidor de webdocs, principalmente para os indivíduos nascidos na chamada era digital – meados dos anos 1990 – carregam para o computador uma experiência de recepção oriunda dos cinemas e da televisão, mas que já não são suficientemente satisfatórias para a imersão na narrativa.

Pensando em uma análise do gênero cinematográfico documentário em comparação ao webdocumentário *Out my window*, podemos encontrar algumas pistas capazes de iluminar nosso percurso e qualificar a investigação de um produto midiático tão recente, que surge em um contexto sociocultural, comunicacional e tecnológico completamente distinto daquele que, aparentemente, o precede. Se refletirmos que um produto midiático é realizado por uma empresa que busca lucros e o crescimento no mercado, entenderemos o quão importante é a manutenção

ou classificação do mesmo em um determinado gênero já reconhecido pelo público.

À medida que a era da convergência midiática se concretiza, novos produtos vão surgindo, com novas propostas de oferecer entretenimento e informação ao usuário. Consideramos então que os webdocumentários, embora ofereçam uma interatividade e construção narrativa jamais proposta pela produção documentária convencional, e carreguem também características estilísticas que o diferenciam da tradição cinematográfica que o precede, propõem “apenas” um deslocamento em relação aos documentários convencionais, não uma ruptura total com o gênero. Um deslocamento porque, além do deslocamento físico evidente – da tevê e do cinema para os computadores e internet – eles carregam características fundamentais de reconhecimento e legitimação do gênero documentário, importantes para sua recepção.

Em *Out my window* podemos identificar o emprego de estratégias típicas da narrativa cinematográfica não ficcional, como o tratamento de histórias reais, encarnadas por atores sociais, que através de depoimentos põe em fluxo a trama; locução *off*, ou *over*,⁸ cobertas por imagens de arquivo, cenas, fotos e a adição de informações complementares através de caractere; a utilização de um projeto gráfico/ visual exclusivo, temas fechados e específicos por produto – diferentes das grandes reportagens ou das reportagens multimídias ou de portais de notícias – são características fundamentais presentes no webdoc. Essas estratégias, presentes em *Out my window*, são típicas da narrativa documentária, enraizadas historicamente no gênero, embora não pertençam exclusivamente a não ficção. Mas além das marcas residuais podemos destacar, de acordo com

8) Locução *over*: voz fora de campo, cuja identidade é indeterminada. Também conhecida como Voz de Deus, muito presente no documentário clássico, ela anuncia como a voz soberana, condutora e detentora da razão.

Fernão Pessoa Ramos, que “o documentário antes de tudo, é definido pela intenção de seu autor de fazer um documentário (intenção social, manifesta na indexação da obra, conforme percebida pelo expectador)”, (2008: 25). Essa “intenção do autor” está manifesta no desejo de abordar e discutir questões sociais fundamentais para o futuro do planeta. Ao tratar de uma história real o diretor opta pela estilística do documentário por seu apelo lúdico e reflexivo, que ao longo de sua tradição se mostrou uma ferramenta útil para a discussão de temas importantes.

Ainda que apresente distintas características em relação ao documentário convencional, as marcas presentes nos webdocumentários causam expectativas na audiência, que ao associar determinado produto a determinado gênero, já sabe o que substancialmente encontrará. Ou seja, ainda que ofereça diversas possibilidades narrativas singulares e interativas, e mesmo com rompimento com a linearidade tradicional da experiência televisiva e cinematográfica, o espectador presume que está diante de uma obra que propõe asserções sobre o mundo histórico, tão real quanto ao qual ele faz parte e desenvolve suas relações com o produto de acordo com esse conhecimento.

Os filmes de ficção geralmente dão a impressão de que olhamos para dentro de um mundo privado e incomum, de um ponto de vista externo de nossa posição vantajosa no mundo histórico, ao passo que os documentários geralmente dão a impressão de que, de nosso cantinho do mundo, olhamos para fora, para alguma parte do mesmo mundo. (Nichols, 2009: 116).

Ao receber uma narrativa como documentária, seja na internet, no cinema ou na televisão, o indivíduo irá estabelecer suas relações com a obra de acordo com essa noção, o que irá orientar também suas reflexões sobre o conteúdo.

Ao recebermos uma narrativa como documentária, estamos supondo que assistimos a uma narrativa que estabelece asserções, postulados, sobre o mundo, dentro de um contexto completamente distinto daquele no qual interpretamos os enunciados de uma narrativa ficcional. (Ramos, 2008: 27).

Uma relação que acreditamos também estar proposta na realização de um webdocumentário, indexada pela intenção do autor e pela adoção de procedimentos intrínsecos ao documentário. Nesse sentido o produto midiático em questão é legitimamente documentário e embora apresente renovações importantes, carrega ainda as premissas fundamentais do gênero originalmente cinematográfico, demonstrando assim um hibridismo, pois além de documentário *Out my window* também remete aos jogos virtuais e está inserido exclusivamente em uma específica plataforma, a internet.

À medida que a tecnologia se aprimora mais competitivo fica o mercado. À medida que novos produtos são oferecidos mais exigentes ficam os consumidores e é para eles que novos produtos midiáticos surgem e antigos se renovam. Como Rick Altman argumenta, “a mistura de gêneros é o processo central pelo qual novos gêneros emergem, velhos gêneros se transformam, e novas categorias de gêneros são apresentados à prática cultural”. (Mittell, 2004: 195).

Os produtos midiáticos são desenvolvidos com refinamento tecnológico, com inovação e de acordo com as lógicas sociais que se relacionam com o entretenimento e a informação, tendo sempre em vista o consumidor. Assim as inovações tanto conceituais quanto técnicas presentes no webdocumentário *Out my window*, estão de acordo com a busca para ganhar um novo consumidor e renovar o mercado.

Ainda assim, por estarem intencionalmente atrelados a um gênero com mais de cem anos de tradição no cinema e pouco menos na

televisão, reconhecido principalmente por tratar de aspectos da vida real, os webdocs devem atender certos ritos que foram reforçados ao longo dos anos pela narrativa documentária e que são esperados pelo espectador, como a abordagem de temáticas da vida real, a transformação de um fato em prova, e às vezes numa resposta poética para o mundo.

Os documentários reúnem provas e, em seguida, utilizam-nas para construir suas próprias perspectivas ou argumento sobre o mundo, sua própria resposta poética ou retórica para o mundo. Esperamos que aconteça uma transformação da prova em algo mais do que fatos comuns. Ficamos decepcionados se isso não acontecesse. (Nichols, 2009: 68).

Além de carregar algumas marcas do documentário convencional, também é imprescindível para seu reconhecimento e consolidação como produto convergente que os webdocumentários ofereçam diferentes possibilidades de interação, de coautoria no processo de construção e apreciação, o que está de acordo com as tendências que parecem orientar atualmente as empresas de comunicação. Possivelmente as capacidades e conhecimentos exigidos pelos webdocs ajudam na segmentação e identificação do usuário, que se reconhecerá como apto e familiarizado com a navegação *online*. Todas essas características, tanto as marcas residuais do documentário convencional, bem como as já associadas aos webdocumentários, estão presentes em *Out my window*.

Considerações finais

Neste trabalho buscamos uma reflexão sobre o processo de convergência, não pensando apenas nos aspectos tecnológicos, mas

também, e principalmente, nas questões socioculturais que envolvem esse fenômeno, para compreender como essa situação afeta a produção audiovisual, em especial o cinema documentário. Assim tentamos identificar marcas balizadoras do gênero não ficcional, fortemente acentuadas em *Out my window*. Nossa proposta almeja o fomento da discussão sobre as novas concepções da produção cinematográfica, em especial do documentário no século XXI e sobre como o gênero em questão irá se adaptar à era da convergência (tecnológica e cultural).

Out my window tornou-se referência para realizações congêneres posteriores. Sua estrutura narrativa, as possibilidades de interação e construção colaborativa do conteúdo, articulada às características que mantém a obra atrelada ao universo documental, são elementos que constituem um webdoc rico em informações pertinentes e discussões atuais, dando ao filme uma credibilidade ainda maior enquanto suporte informativo. Com credibilidade para lançar questões que dialogam com diversas aflições da sociedade contemporânea. Essas são razões pelas quais optamos pelo referido webdocumentário, que oferece conteúdo satisfatório para diversas abordagens científicas, análises e críticas.

Referências bibliográficas

- AUMONT, Jacques *et al.*, (2002), *A estética do filme*, tradução de Marina Appenzeller, 2ª Ed., Campinas: Papirus.
- AUMONT, Jaques; MARIE, Michel (2002), *A análise do filme*, 2ª Ed., Lisboa: Livraria Saraiva no Brasil.
- CANNITO, Newton Guimarães (2010), *A televisão na era digital. Interatividade, convergência e novos modelos de negócio*, São Paulo: Summus.

- FECHINE, Yvana *et al.* (2011), in João Freire Filho, Gabriela Borges (Orgs.), *Estudos de televisão, Diálogos Brasil-Portugal*, Porto Alegre: Sulina.
- GOMES, Itânia (2011), “Gênero televisivo como categoria cultural: um lugar no centro do mapa das mediações de Jesús Martín-Barbero” in FAMECOS, Rio Grande do Sul: Porto Alegre, vol. 18, n. 1, pp. 111-130.
- GOMES, Itânia (2007), “Questões de métodos na análise do telejornalismo: premissas, conceitos, operadores de análise” in *E-compós - Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação*, abril, Brasília, vol. 8, pp. 1-31.
- JENKINS, Henry (2009), *Cultura da convergência. A colisão entre os velhos e os novos meios de comunicação*, tradução de Susana Alexandria, 2ª Ed., São Paulo: Aleph.
- LINS, Consuelo; MESQUITA, Cláudia (2008), *Filmar o real. Sobre o documentário brasileiro*. Rio de Janeiro: Zahar.
- LOTZ, Amanda D. (2007), *The television will be revolutionized*, New York: NYU Press.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús (2004), *Ofício de Cartógrafo. Travessias latino-americanas da comunicação na cultura*, São Paulo: Loyola.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús (2006), “Pistas para entre-ver meios e meios e mediações” in Jesús MARTÍN-BARBERO, *Dos meios às mediações – comunicação, cultura e hegemonia*, 4ª Ed., Rio de Janeiro: Editora UFRJ, pp. 11-21.
- MITTELL, Jason (2004), *GENRE and TELEVISION - From cop shows to cartoons in american culture*, New York: Routledge.
- MOTA, Maria Regina de Paula *et al.* (2010), *Cultura da Conexão – novos formatos para produção de conhecimento*, 1ª Ed., Belo Horizonte: Argumentum.

NICHOLS, Bill (2009), *Introdução ao documentário*, tradução de Mônica Saddy Martins, 4ª Ed., Campinas: Papirus.

NICHOL, Bill (1991), *Representing reality: issues and concepts in documentary*, USA: Indiana University Press.

RAMOS, Fernão Pessoa (2008), *Mas afinal... O que é mesmo documentário?* São Paulo: Senac.

Filmografia

Out my window (2010), de Katerine Cizek.

One million tower (2011), de Katerina Cizek.

Life in a day (2011), de Hiroaki Aikawa, Natalia Andreadis *et al.*

One day on earth (2012), de Kyle Ruddick.